



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Nelson e o Anti-Nelson

Ganhei de um amigo 150 exemplares de *O Pasquim*, o jornaleco desabusado que funcionou como oxigênio de inteligência e de humor durante os chamados anos de chumbo do regime militar. Estava passeando os olhos aleatoriamente por algumas edições, quando me deparei com uma preciosa entrevista, datada de abril de 1980, sob o sugestivo título de: "Alguns idiotas da objetividade entrevistam Nelson Rodrigues".

Nós desmoralizamos a palavra "gênio" na pós-modernidade. As pessoas

dizem: "Comprei um boné genial" ou "tomei uma cerveja genial". Mas Nelson é um dos poucos que merece efetivamente ser chamado de genial, pois, com todas as contradições, humanas, demasiado humanas, paira em um plano de absoluta excepcionalidade. Ele era um dramaturgo da cabeça aos sapatos; Nelson era puro drama nos palcos e na vida.

É bastante comum que, durante os regimes de exceção, os oportunistas se alinham com os poderosos para obter vantagens. Não era esse o caso de Nelson. Ele apoiou o regime militar de 1964 e, por uma ironia trágica do destino, o seu filho Nelsinho se tornaria militante de esquerda, prisioneiro e torturado.

Por causa disso, Nelson era execratado pelas esquerdas. Em certa ocasião,

Nelson viajou até Porto Alegre para participar de uma noite de autógrafos e só apareceu um leitor para comprar o livro e pegar a sua assinatura: "Os intelectuais me tratavam como uma úlcera", reclamou Nelson.

A entrevista da turma do Pasquim com Nelson parece uma peça do nosso profeta do óbvio, com o drama se misturando ao patético e ao humor. Não se fazem mais entrevistas assim. E a conversa esquenta mesmo quando desliza para o campo da política e das relações de Nelson com o regime militar.

Ao ser indagado por que não fez as pazes com Alceu Amoroso Lima antes da abertura política, Nelson responde com uma pergunta provocativa: "Por que houve o grande terror

na Rússia? Por que mataram 12 milhões?". E o chargista Jaguar replica: "Por que o senhor está dizendo isso para mim? Não sou comunista, tenho raiva de comunista! Eu sou é humorista!"

Fausto Wolff faz uma pergunta que eu gostaria de fazer: "Honestamente, Nelson, não consigo entender uma coisa: como é que você pode apoiar um regime que quis matar seu filho? Meu Deus do céu! E Nelson, obstinadamente: "Eu salvei meu filho!". Fausto comenta, teatralmente: "E quantas centenas de filhos você não conseguiu salvar?"

Nelson (com os braços em cruz): "Agora sou responsável por todas as atrocidades que fizeram!". Nelson se defende, alega que percorreu os gabinetes militares acompanhado das esposas de

Zuenir Ventura e Hélio Pellegrino para pedir que eles fossem soltos.

E, neste ponto, entra uma equipe do *Fantástico* para entrevistar Nelson e não entende nada: "Sabe por quê? Porque gozei daquelas passeatas sem um preto, sem um operário, sem um desdentado, passeatas granfinas da classe dominante". Senta-se arquejante. A esposa de Nelson fala com voz severa: "Ele não pode se cansar muito. A TV Globo está esperando".

E Nelson: "Vamos fazer uma entrevista... Isso não tem sentido. É um tribunal, estou sendo julgado..." Nelson era contundente e, ao mesmo tempo, muito terno. Ao fim da entrevista, ele abre os braços e diz: "Meu doce Jaguar, você sempre foi o anti-Nelson Rodrigues! Não faça isso. Me tenha simpatia, tá bem?"

LATROCÍNIO / Carmem Lúcia Alves de Souza, 53 anos, foi encontrada em casa, na cama, com as mãos amarradas. O celular e o carro dela foram levados pelo assassino, que deixou o veículo no centro de São Sebastião

Mulher trans foi estrangulada

» DARCIANNE DIOGO

A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) investiga como latrocínio (roubo seguido de morte) o assassinato da travesti Carmem Lúcia Alves de Souza, 53 anos. A mulher foi encontrada em cima de uma cama, com as mãos amarradas. As investigações apontam que a vítima morreu ao ser estrangulada com um lençol.

Amigas de Carmem notaram o desaparecimento da confeitadeira na quarta-feira. As colegas ligaram por várias vezes para o telefone da mulher, mas sem sucesso, quando decidiram ir à casa dela, na Vila Nova, em São Sebastião. O portão estava trancado e o carro de Carmem, um Honda HRV, não estava na garagem. As mulheres tinham a chave do imóvel e conseguiram entrar na residência, sendo surpreendidas com uma cena de terror.

Carmem estava morta de bruços na cama, com as mãos amarradas para trás e com sinais de estrangulamento. Segundo a Polícia Civil, o criminoso teria usado um lençol para cometer o assassinato. O caso é investigado pela 30ª Delegacia de Polícia (São Sebastião). Ao *Correio*, o delegado-adjunto da unidade policial, Ulysses Luz, afirmou que, inicialmente, o caso é tratado como latrocínio (roubo seguido de morte). "Ainda estamos em fase inicial de investigação. Em breve, teremos uma resposta sobre o fato", afirmou.

Objetos encontrados

A polícia constatou que o carro e o celular da mulher

Material cedido ao Correio



Mulher trans foi encontrada na cama, amarrada com as mãos para trás e com sinais de estrangulamento

Números

» Relatório produzido pela Aliança Nacional LGBTQIA+ mostra que, em 2021, 300 pessoas LGBTQIA+ sofreram morte violenta em todo o Brasil. O número representa 8% a mais do que o registrado em 2020, em que 276 pessoas morreram. Segundo o levantamento, o Brasil continua sendo o país onde mais LGBTQIA+ são assassinados: uma morte a cada 29 horas.

foram levados. O aparelho telefônico foi localizado na manhã de quarta-feira em posse de um catador de latinhas da região. O homem encontrou o objeto dentro de um saco plástico, no lixo, e resolveu levar para a casa. A polícia, ele contou que esperava pela ligação de

algun conhecido da mulher para devolver o objeto.

O carro foi abandonado no centro de São Sebastião. Tanto o veículo quanto o celular foram encaminhados à perícia para análise. Até a última atualização desta reportagem, ninguém havia sido preso.

Memória

Março de 2022: um professor de inglês do Centro de Ensino Médio 1 (CEM 1), de Planaltina (DF), de 26 anos, foi dado como desaparecido e foi encontrado carbonizado em uma área de mata, na região do bairro Paquetá, em Planaltina de Goiás. Segundo a Polícia Civil do Estado de Goiás (PCGO), Denes Marlio Lima Neres, foi assassinado por questões homofóbicas. O principal suspeito foi preso. Identificado como Mateus da Silva Castro, 18, o jovem confessou o homicídio e alegou que o docente teria tentado pegar nas partes íntimas dele.

Abril de 2022: O técnico de enfermagem André Lopes de Barros, 31, foi encontrado morto dentro do próprio apartamento, na QNN 7 de Ceilândia, em abril. Dias depois, policiais civis da 15ª Delegacia de Polícia (Ceilândia Centro) prenderam o suspeito do assassinato. O criminoso foi preso na cidade de Unaí, em Minas Gerais. A motivação do crime ainda é investigada pela polícia.

Agosto de 2021: Uma travesti foi assassinada na madrugada de 11 de agosto do ano passado, no setor Oeste do Gama, próximo à unidade do Conselho Tutelar. Pessoas ouvidas preliminarmente na cena do crime informaram que a vítima era travesti e que ela costumava andar próximo ao local com outros travestis e moradores de rua da região. O suspeito foi preso dias depois. As investigações apontaram que o crime teria sido motivado por ciúmes, uma vez que o homem mantinha um relacionamento com a vítima.

JUSTIÇA

Justiça mantém condenação de Adriana Villela

» DARCIANNE DIOGO

O Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) negou o pedido de recurso feito pela defesa de Adriana Villela para que o julgamento que a condenou fosse anulado. Na ocasião, a acusada foi sentenciada a 67 anos de prisão pelo assassinato do pai, o ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) José Guilherme Villela; da mãe, Maria Villela; e da empregada, Francisca Nascimento. Por meio de nota, Adriana alega inocência.

O triplo homicídio ocorreu em 2009 e ficou conhecido como o "Crime da 113 Sul". Condenada por assassinato com motivo torpe, com crueldade e impossibilidade de defesa e por furto qualificado, Adriana teve a pena reduzida durante a sessão desta quinta-feira para 61 anos e 3 meses de reclusão, além de multa. Ela pode continuar recorrendo em liberdade.

Para justificar a redução na pena, o desembargador César

Loyola levou em conta a conduta social de Adriana e retirou as circunstâncias negativas da detenta. Ao negar o pedido da defesa de anular o julgamento, Loyola lembrou que os advogados da arquiteta poderiam ter recusado a jurada em 2019, mas não fizeram.

Posicionamento

Em nota enviada à imprensa, a arquiteta lamentou a decisão da Justiça e a considerou como "injusta". "Lamento que a Justiça continue ignorando as provas de minha inocência reunidas em sua própria investigação, mantendo a condenação injusta à qual fui submetida no dia 2 de outubro de 2019, coincidentemente, Dia Internacional da Condenação Injusta. Perdi meus pais e minha amiga Francisca de modo cruel e me tornei a quarta vítima desse crime horrível que há 12 anos interrompe a minha vida e a de meus familiares e tantos bons e

Ed Alves/CB/D.A Press



Condenada a 67 anos de prisão, Adriana teve a pena reduzida para 61 anos de reclusão

velhos amigos, meus e de meus honrosos pais. Ainda não foi dessa vez. Sim, eu sou inocente! E tenho fé de que a Justiça nos valerá", afirmou.

A defesa também se posicionou por meio de nota. "A defesa técnica de Adriana Villela reafirma a mais absoluta certeza sobre a sua inocência, mesmo com

o julgamento adverso de hoje no Tribunal de Justiça do Distrito Federal. Em regra, os Tribunais de Justiça tendem a manter os veredictos do Tribunal do

Júri, ainda quando as decisões são contrárias às provas dos autos. A defesa confia que o Superior Tribunal de Justiça irá fazer a necessária análise técnica para resgatar a Justiça."

Relembra o caso

Em 28 de agosto de 2009, o ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) José Guilherme Villela; a advogada Maria Villela; e a empregada da família, Francisca Nascimento Silva, receberam, no total, 73 facadas dentro do apartamento do casal. Os corpos dos três foram encontrados em decomposição em 31 de agosto de 2009.

Cerca de um ano após o crime, Adriana Villela e o porteiro do prédio, Leonardo Campos Alves, foram presos. Leonardo chegou a assumir os assassinatos. Ele ainda apontou que teve ajuda de um sobrinho e de uma outra pessoa. Os dois suspeitos também confessaram participação, mas depois voltaram atrás e disseram que só confessaram por terem sido torturados por 24 horas. Mesmo assim, os três foram condenados. A soma da pena deles chega a 177 anos.